

AUTOR E LEITOR-PREFERENCIAL NO GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE

AUTHOR AND PREFERENTIAL-READER AT GENRE COMMENT ONLINE

Guilherme Primo de Mendonça¹
Evandro de Melo Catelão²

Resumo: Neste artigo lançamos um olhar geral sobre o gênero comentário *online*, objetivando abordar o autor e os tipos de leitores que interagem no ambiente virtual. Para tanto, primeiramente discutimos os aspectos gerais sobre os gêneros, de acordo com Bazerman (2006), e a relação entre a *internet* e os gêneros que nela emergem, segundo o estudo de Marcuschi (2002). Esses passos antecedem a análise de um *corpus* composto por diversos comentários *online* propagados em dois portais de notícias e uma rede social; por tal leitura é possível compreendermos os traços característicos do gênero e, assim, adentrarmos no tópico em que discutimos os tipos de autor e de leitor-preferencial visualizados no gênero comentário *online*. A categorização que apresentamos não surge com intenções inovadoras, mas com o intuito de percebermos os papéis dos sujeitos nas práticas *online*.

Palavras-chave: Autor. Comentário *online*. Gêneros. Leitor-preferencial.

Abstract: In this article we launched a look at the online comment genre, aiming to approach the author and the types of readers that interact in the virtual environment. To do so, first we discuss the General aspects about the genres, according to Bazerman (2006), and the relationship between the internet and the genres which in her arise, according to the study of Marcuschi (2002). These steps come before the analysis of a corpus composed of various comments propagated in two online news portals and one social networking; by such reading is possible to understand the traits of the genre and, thus, we turn to the topic where we discuss the types of author and preferential-reader in the online comment genre. The categorization we present don't arises with innovative intentions, but in order to we realize the roles of subjects at online practices.

Keywords: Author. Online comment. Genre. Preferential-reader.

Introdução

Ao nos depararmos com as diferentes formas disponíveis para a interação entre os sujeitos no espaço virtual, surge a necessidade de no campo acadêmico nos dedicarmos ao estudo, inclusive, dos que produzem e recebem determinados gêneros. Dessa forma, por

¹ Graduado em Letras – Vernáculas pela Universidade Estadual de Londrina. Mestrando em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Londrina. *E-mail:* guiprimo@hotmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Londrina. *E-mail:* evandrocatelao@gmail.com

meio de uma pesquisa bibliográfica (FONSECA, 2002) discutiremos a visão de gêneros conforme os apontamentos de Bazerman (2006); de modo que nossa análise recaia sobre a *internet*, nos apoiamos em estudos de Marcuschi (2002) para abordarmos os gêneros que emergem no meio eletrônico.

Observadas as contribuições dos respectivos autores, por um procedimento bibliográfico/documental (FONSECA, 2002) apresentamos a análise de um *corpus*³ que nos permite adentrarmos em dois momentos. O primeiro está relacionado a uma visão de certos traços do gênero comentário *online*, exposta a fim de compreendermos a sua formatação. O segundo, por sua vez, marca o objetivo principal desta pesquisa: classificarmos o autor e o leitor-preferencial dos comentários *online* emitidos.

Para tanto, analisamos 25 comentários de dois portais de notícias e um de certa rede social: *UOL*, *G1* e *Facebook*. Desses destacamos quatro notícias: duas referentes à corrupção no Brasil, uma à violência doméstica cometida por um artista brasileiro consagrado pela mídia nacional e a última abordava a violência numa escola periférica no Rio de Janeiro. Quanto ao pequeno número de comentários e de excertos apresentados deve-se ao fato de nos depararmos com um gênero “estabilizado pelo uso” (BRONCKART, 2006, 143); ou seja, é possível visualizarmos as mesmas configurações que descreveremos em nossa análise em grande parte dos comentários visualizados nos mais diversos portais.

No que diz respeito à disposição de nossa pesquisa, os dois primeiros sub-tópicos estão voltados a um olhar sobre os gêneros: no primeiro, a visão da “Escola Norte-Americana”, no segundo, a visão dos gêneros no meio digital. Em seguida, rumamos para a análise do *corpus*, uma vez que será a partir dele que discutiremos alguns aspectos gerais do gênero comentário *online*. Na sequência, por fim, proporemos uma discussão em torno dos autores e leitores ao mesmo tempo em que os classificamos.

Visão de gêneros

Buscamos em Bazerman (2006) o postulado teórico para o trabalho com os gêneros, uma vez que o autor propõe o uso dos gêneros considerando as diferentes percepções e compreensões, ainda que decorra o tempo⁴. Para o autor, “O gênero é uma categoria

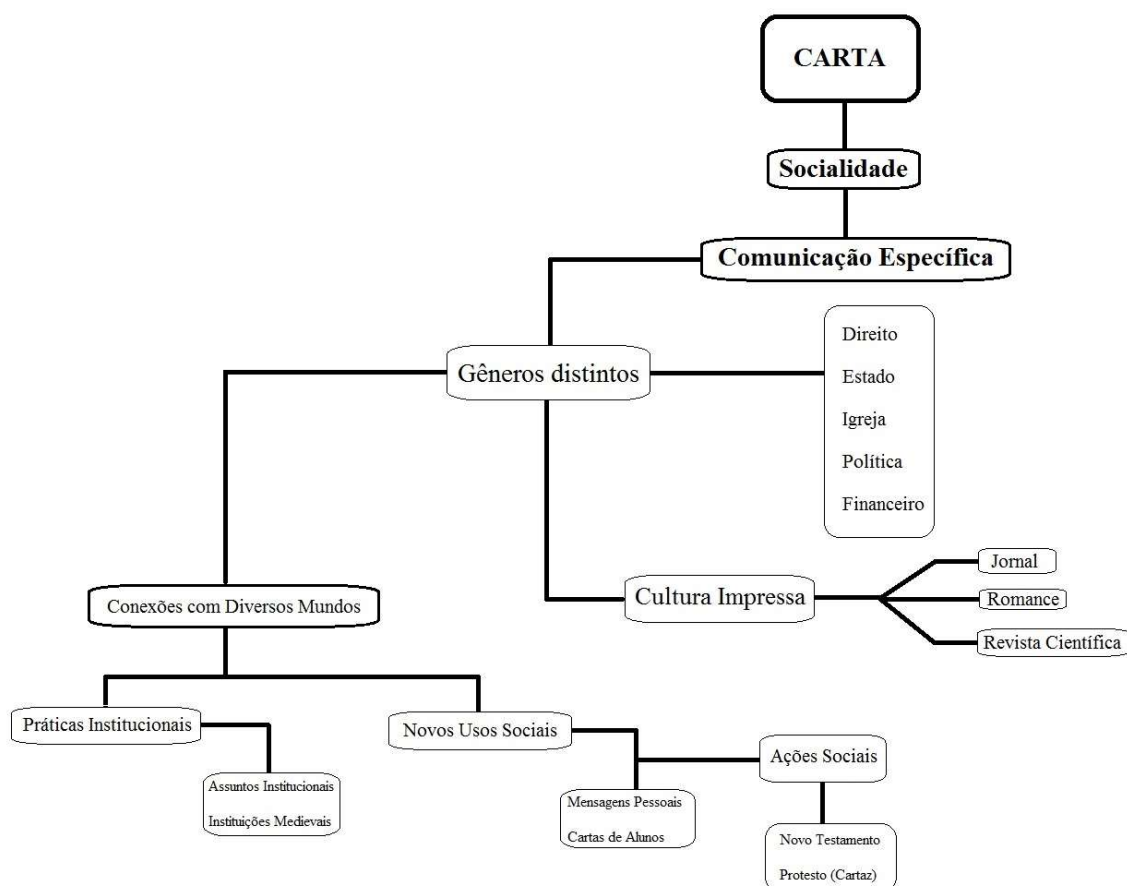
³ Optamos pelo trato breve desse momento, pois, pelas diversas vertentes possíveis de se realizar a análise de comentários, seria necessário um trabalho exclusivamente voltado a esse objetivo. Com isso, a análise é pontual para alcançarmos os objetivos deste estudo.

⁴ Quando trata de “diferentes percepções e compreensões”, percebemos sua relação com a questão da interação, do *eu* e do *outro*, do espaço democrático que é a *internet*, da noção de texto e da linguagem.

essencialmente socio-histórica sempre em mudança [...] são fatos sociais emergentes na atividade de compreensão intersubjetiva em situações típicas em que se devem coordenar atividades e compartilhar significados, tendo em vista propósitos práticos.” (BAZERMAN, 2006, p. 11).

Poderíamos nos aproximar do conceito de gênero adotado pelo esquema que produzimos a partir de suas proposições. O esquema do qual falamos e apresentamos logo abaixo foi elaborado de acordo com a leitura que fizemos do capítulo “Cartas e a base social de gêneros diferenciados”, que se encontra na obra *Gêneros textuais, tipificação e interação* (BAZERMAN, 2006). Nele percebemos o caráter propagador do gênero carta e visualizamos a sua relação com o período contemporâneo, ainda que ele seja utilizado com menos frequência devido ao surgimento de outros gêneros.

Esquema 1: Exemplos de gêneros que surgem a partir carta.



Fonte: elaborado pelos autores.

Lançar mão da visão de gênero da “Escola Norte-Americana” é fundamental para refletirmos sobre o envolvimento dos diversos sujeitos em seus contextos. Isso porque a sua

composição flexível dialoga com os quadros recorrentes nas práticas de comentários *online*⁵. Ou seja, o caráter flexível do que sugerimos nesta pesquisa, de modo que não contempla a produção e recepção de outros gêneros, é colocado ao lado das possibilidades que existem de o gênero, na visão dos autores⁶ relacionados com a “Nova Retórica”, também ser dinâmico.

Sobretudo por nos apropriarmos de um gênero criado para o ambiente virtual, e tendo em mente que esse, por si, representa um quadro que não se mantém, crescem as possibilidades de nos depararmos e necessitarmos de outras formas para a sua compreensão. Pressupomos que essas mudanças no gênero, pela possibilidade de os sujeitos se rebelarem, como aponta Bazerman (2006), ocorrerão conforme a *internet* passe a sofrer os controles das instituições mundiais.

Como leitores e escritores, frequentemente sentimos a necessidade de nos rebelar contra as aparentes restrições conservadoras do gênero sobre a criatividade, a novidade, a imaginação e o realinhamento sociopolítico. ([...] Chamamentos para rupturas de gênero são historicamente recorrentes, acompanhando momentos de mudança de gênero, quando formas de comunicação anteriores não parecem ser mais adequadas às novas situações e aos novos propósitos.). (BAZERMAN, 2006, p. 47-48).

De forma a vincular as abordagens de Breton (1999) e Bazerman aqui adotadas, destacamos a introdução da obra *Gêneros textuais, tipificação e interação* (BAZERMAN, 2006) elaborada por Marcuschi, quando ele afirma que o domínio do gênero (considerando a visão de Bazerman) seria uma forma de agir politicamente. Essa definição é vista como uma possível resposta geral, ainda que de maneira simplista, aos questionamentos propostos por Breton (1999):

Não saber argumentar não seria, aliás, uma das grandes causas recorrentes da desigualdade cultural, que se sobrepõe às tradicionais desigualdades sociais e econômicas, reforçando-as? Não saber tomar a palavra para convencer não seria, no final das contas, uma das grandes causas de exclusão? Uma sociedade que não propõe a todos os seus membros os meios para serem cidadãos, isto é, para terem uma verdadeira competência ao tomar a palavra, seria verdadeiramente democrática? (BRETON, 1999, p. 19).

Nesse sentido, fazer uso dos gêneros, a fim de argumentar, é uma prática fundamental que possibilita a não-exclusão, a desvalorização da desigualdade social. Por consequência: o surgimento de uma verdadeira sociedade democrática. Contudo, de maneira que observamos as diferentes formas de ações em prol dos direitos difundidos pelas nações

⁵ Esses quadros recorrentes são melhores visualizados quando na análise do *corpus*.

⁶ Carolyn Miller, Charles Bazerman e John Swales todos eles integrantes da “Escola Norte-Americana”.

que asseguram a liberdade de expressão, cabe destacarmos as contribuições dos estudos da linguagem sobre os gêneros digitais.

Gêneros digitais na *internet*⁷

Devido ao fato de que a *internet* fomenta a participação dos internautas numa espécie de levante digital, esses sujeitos passam a se dedicar às mudanças sociais por meio de práticas distintas, que não os protestos nas ruas das cidades. Embora essa pareça ser para muitos a única forma de se posicionar contra determinados *lobby* empresariais e propostas de governos, o ambiente virtual difunde de maneira mais rápida e contempla um maior número de indivíduos. Vistos sob tal prisma, atos simples como o de comentar em determinada publicação, compartilhar propostas que visem à modificação de certos contextos, projetam o trabalho com gêneros no viés de Bazerman (2006).

Ao nos voltarmos para o campo do ensino e aprendizagem, por exemplo, seria possível considerarmos que

[...] os professores podem introduzir novas tecnologias para funcionar dentro das práticas existentes e, em seguida, veem novas possibilidades nas virtualidades do veículo e começam a usá-lo para novos propósitos, os quais, por fim, são transformados em novas práticas. As novas atividades *online* incluem as características da Web 2.0 identificadas anteriormente como, por exemplo, novas formas de colaboração, produção conjunta e criação de conhecimento, em vez da aprendizagem exclusivamente de fatos. (BARTON; LEE, 2015, p. 215).

No emaranhado dos estudos apresentados sobre os gêneros, compartilhamos do que postula Marcuschi (2002)⁸ e, portanto, não discutimos um “novo gênero”. Baseamos nosso posicionamento na pesquisa do autor, uma vez que desenvolvemos as proposições ao longo dos próximos tópicos a partir de traços que relacionam o envio de cartas à emissão de uma opinião. Em outras palavras, visualizaríamos, inclusive, as transformações do gênero primário que aqui discutimos e apresentamos no “Esquema 1”.

O autor chama a atenção para o fato de que as tecnologias, num viés que percebe os gêneros atravessados pela história e pelos aspectos sociais

⁷ Constata Marcuschi (2002, p. 1) que “Não são muitos os gêneros emergentes nessa nova tecnologia, nem totalmente inéditos. [...] o ambiente virtual é extremamente versátil e hoje compete, em importância, nas atividades comunicativas, ao lado do papel e do som.”

⁸ Segundo o autor, “a idéia de que a cada nova tecnologia, como lembra David Crystal (2001:2), o mundo todo se renova por completo, é uma ilusão que logo desaparece. Novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal.” (MARCUSCHI, 2002, p. 5).

[...] permitem que surjam novidades nesse campo, mas são novidades com algum gosto do conhecido. Observem-se as respectivas tecnologias e o alguns de seus gêneros: *telegrama; telefonema; entrevista televisiva; entrevista radiofônica; roteiro cinematográfico* e muitos outros que foram surgindo com tecnologias específicas. Neste sentido é claro que a tecnologia da computação, por oferecer uma nova perspectiva de uso da escrita num meio eletrônico muito maleável, traz mais possibilidades de inovação. (MARCUSCHI, 2002, p. 5, destaques do autor).

Ao apresentarmos um recorte nos estudos de Bazerman e um esquema voltado ao gênero carta, pretendemos tornar explícito que o gênero que será discutido a seguir compõe uma tríade de gêneros. Os três gêneros aos quais nos referimos são a carta, a carta do leitor e o comentário *online*. Assim, nesse sentido, entendemos a carta como um gênero que desencadeia diversas interações por meio de diferentes gêneros, possibilitando, pois, “que a forma de comunicação caminhe em novas direções” (BAZERMAN, 2006, p. 83).

Dessa forma, passamos a concentrar nossa discussão tomando como base os autores acima e outros que emergem devido às particularidades do gênero abordado. Não pretendemos analisar todos os aspectos que o envolvem, mas apenas os que pontuamos serem relevantes dado a padronização que verificamos no gênero.

Análise do corpus: comentários *online*

Nos dois veículos *online* — *UOL* e *GI* — visualizamos extremos de rigidez “política” no momento em que buscamos compartilhar nossa opinião. As regras observadas em grande parte dos meios comunicadores se relacionam à proibição de comentários referentes: à pornografia, a vírus, à incitação ao ódio, bem como à violência. Todos esses e mais outros aspectos se encontram disponíveis aos futuros leitores-comentadores em abas que os direcionam aos denominados “Termos de Segurança”, “Termos e condições de uso”, às “Políticas de dados”⁹.

Embora nos deparemos com certas proibições na tentativa de comentarmos alguma publicação, alguns conteúdos “proibidos” são possíveis de serem publicados¹⁰. Para tais casos há a possibilidade, por exemplo, de denúncia aos editores dos *sites* por meio de um breve questionário enviado para que eles os avaliem. Enquanto que no portal de notícias *GI* o

⁹ Nomes das seções que regem os interessados em estabelecer seus comentários às páginas com as normas de publicações.

¹⁰ Formas de publicar comentários, nestes casos, ligam-se às artimanhas utilizadas pelos leitores-comentadores. Ou seja, usam-se: letras maiúsculas em lugares distintos de uma palavra, letras substituídas por símbolos (no caso de ofensas, por exemplo), sinônimos entre outras.

internauta apenas clica em um símbolo para realizar sua denúncia, no *site UOL*, ao propor a exclusão do comentário, é necessário que seja respondido um questionário¹¹.

Concentrando-nos já nos comentários veiculados, tão frequente é a “Orientação argumentativa, que pode realizar-se por meio de termos ou expressões metafóricas [...]. Trata-se de manobra lexical, bastante comum, particularmente (mas não apenas) em gêneros opinativos” (KOCH, 1995, p. 39), visualizada na imagem a seguir. Em grande parte das notícias *online* há, ainda, muitos usuários que utilizam dos comentários para propagação discursos contra partidos políticos, o que não causaria espanto caso as páginas em que os visualizássemos nos remetessem a alguma situação política.



Imagem 1: expressões metafóricas em comentários sobre o pagamento do tradutor por Lula¹².

No caso da empresa *Alezzia*, como a imagem abaixo mostra¹³, diferentemente daqueles que apenas trocam insultos, percebemos comentários que buscam modificar o *status quo*, principalmente pelos defensores do movimento feminista. Essa tentativa de manutenção se dá pelas opiniões acompanhadas de argumentos sustentados, sobretudo, em exemplos históricos. Em resumo, ao nos depararmos com embates no meio virtual, perceberemos a inserção de comentadores com intenções revolucionárias, no sentido de visarem às mudanças.

¹¹ Disponível em <<https://denuncia.uol.com.br/>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

¹² Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/06/15/moro-manda-lula-pagar-custo-de-tradutor.htm#comentarios>>. Acesso em 22 jun. 2017.

¹³ Em determinada ação publicitária, a empresa instigou uma discussão em torno do machismo e do feminismo, uma vez que na imagem estava em destaque uma mulher que, segundo diversos comentários, chamava mais a atenção por sua beleza do que o produto anunciado. Tal fato, segundo os próprios leitores-comentadores, acarreta a visão de mulher-produto. Disponível em <https://www.facebook.com/AlezziaMoveis/photos/a.324681324261641.85226.225545557508552/1438642832865479/?type=3&hc_location=ufi>. Acesso em 22 jun. 2017.

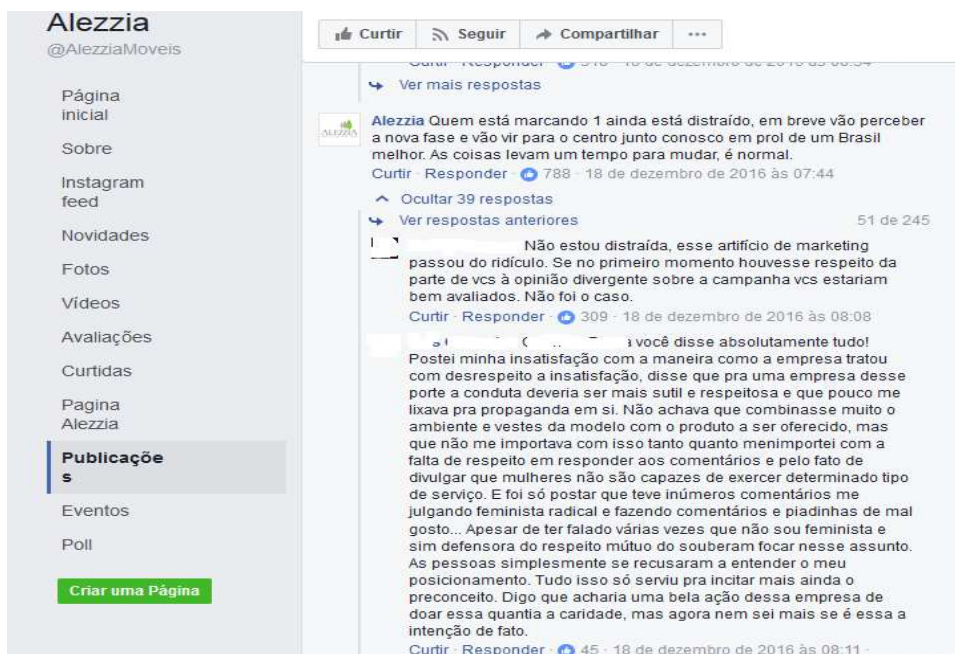


Imagem 2: comentários visualizados na rede social da empresa.

Quanto à escolha do vocabulário, principalmente quando nele estão inclusos apelidos ofensivos e palavras de calão, esses parecem ser a causa da diminuição da qualidade dos comentários, ao nível de torná-los propulsores tão somente de conflitos. Certos usuários os classificam como sendo “infantis” e não merecedores de uma resposta, como podemos observar na imagem abaixo. Ressaltamos que as palavras utilizadas são direcionadas às personagens da informação, ao autor do conteúdo publicado, assim como aos comentadores.



Imagem 3: comentários acerca da agressão cometida pelo cantor Victor Chaves¹⁴.

Em tempos de descrédito — contra instituições e pessoas —, evidenciamos dois tipos de argumento que, num primeiro momento, destoam do caminho que deveriam indicar. O primeiro, a petição de incompetência (BRETON, 1999), que contribuiria para a adoção da

¹⁴ Disponível em < <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/cantor-victor-retirou-a-mulher-de-elevador-durante-briga-em-bh-diz-advogado.ghtml>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

tese, assemelha-se quando utilizado pelos leitores-comentadores se torna um misto de desabafo e ironia, tendo seu uso, então, deturpado.

Já o raciocínio de autoridade pela experiência (BRETON, 1999) acentua exatamente o descrédito citado. Isso ocorre quando determinado usuário cita a si como a fonte da informação proferida; opiniões assentadas na ironia contribuem para o menosprezo, por outros participantes da interação, de sua prática argumentativa¹⁵.

Por sua vez, o comentário de competência é tão utilizado quanto rejeitado. Sublinhamos essa observação, uma vez que, em comentários de assuntos relacionados à política, o uso de determinada fonte significa revelar — em muitos dos casos — o posicionamento partidário seguido. Dessa forma, tal argumento serve como pretexto para o alongamento da discussão, quase sempre, não sobre o tema veiculado na notícia, mas referente ao posicionamento político adotado pelos que dele se utilizam.

A composição dos comentários, em sua maioria, não se assenta em recursos argumentativos dos autores que os produzem. Em outras palavras, eles desferem julgamentos baseados nas informações transmitidas pelos autores das notícias publicadas — muitas vezes sem reproduzi-las. A construção de um comentário com essa estrutura faz com que, como atestamos, não seja contínua a cadeia de comentários, ou, ao menos, não haja continuidade com características de contraditório, com bases argumentativas.



Imagem 4: reprodução dos comentários referentes à morte de uma aluna dentro da escola¹⁶.

Baseamos nosso posicionamento, inclusive, no estudo sobre a tipificação do tema realizado por Alves Filho e Santos (2013). Segundo os autores,

A partir das análises feitas, chegamos ao entendimento de que o gênero comentário *online*, como espaço que possibilita a manifestação subjetiva do leitor na esfera jornalística, acaba por estimular o desabafo e a revelação de opiniões e desejos bastante subjetivos. Como, geralmente, as notícias comentadas ou mais comentadas

¹⁵ Ressaltamos que: o argumento de petição de incompetência está relacionado à aproximação de quem produz o discurso e o seu público pela afirmação de que pouco ou nada se sabe sobre determinado assunto; por sua vez, utiliza-se do argumento de autoridade pela experiência, a fim de afirmar ter praticado certa atividade e que isso o torna supostamente capaz de abordar o assunto ligado a sua prática de maneira esmerada.

¹⁶ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/03/31/familia-contesta-pm-e-diz-que-jovem-levou-3-tiros-dentro-de-escola-no-rio.htm#comentarios>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

são aquelas construídas em torno de acontecimentos que chocam, que suscitam atitudes responsivas de refutação, acabam por expressar a subjetividade por meio do desabafo, veiculando axiologicamente a ideia de justiça/injustiça. (ALVES FILHO; SANTOS, 2013, p. 88).

As possibilidades que o espaço reservado a comentários — ou melhor, a *internet* — oferece, como edições depois de algo ter sido publicado, a continuidade no debate de maneira não instantânea, na maioria dos casos, não nos parecem ser utilizadas. Afirmamos tal colocação, observando que muitas das opiniões não se baseiam em leituras sobre o tema em discussão. Ficam em destaque, com isso, as dificuldades de o efeito de uma argumentação incidir sobre os outros participantes na comunicação, fato que nos levaria a supor não existir uma busca pela adesão do auditório ao que se opina.

Encerrando este momento de análise sobre o *corpus*, destacamos o que deveria ser a motivação para o uso da argumentação, mas que não ocorre: a declaração de que essa tenha surtido efeitos. Em outras palavras, além do fato de que muitas discussões são interrompidas sem qualquer desfecho mais formal — inclusive, nas que o último comentário oferece margem para o seu prolongamento —, não foram relatados posicionamentos de que determinada opinião teve efeitos sobre a carregada pelo o auditório¹⁷.

Visão geral do gênero comentários *online*

A partir da análise dos comentários acima exposta, propomos um olhar sobre o gênero em discussão dividido em dois momentos: no primeiro, expomos os seis traços que o constituem e breves comentários tecidos sobre alguns deles; por sua vez, no segundo, como já descrevemos na introdução desta pesquisa, procuramos abordar de maneira mais aprofundada a presença do autor e do leitor preferencial, sujeitos que participam dessa interação virtual.

De acordo com Alves Filho e Santos (2013, p. 83)

O comentário *online*, assim como outros gêneros do meio impresso (a exemplo da carta de leitor), atende á necessidade social de manifestação da opinião pública na esfera jornalística além de responder a um posicionamento cultural da mídia que visa incentivar a participação responsiva de todos os leitores por meio da opinião destes sobre as notícias veiculadas. Não se trata de um gênero completamente nascido no meio digital, embora o meio digital tenha possibilitado um uso mais intenso e frequente.

¹⁷ Acreditamos ser esse caso motivo de uma pesquisa entre estudiosos de diversas áreas, posto que o horizonte daquele que recebe pode ter sido alterado, sem que ainda haja a confirmação de tal fato; pode ser a causa da pouca influência do argumento.

Assim como o comentário *online*, vários outros gêneros são produzidos e recepcionados na rede virtual, como: *chat*, *post*, *e-mail*, meme, fotopoema, notícia, carta do leitor entre outros. Contudo, as comunidades virtuais¹⁸, a partir das possibilidades que oferecem, nos fazem compreender a relação de proximidade entre os gêneros que nelas circulam. Isso quer dizer que é válido conhecermos a configuração de cada um deles e, assim, não incorreremos falhas de comunicação. De outra forma colocada, trata-se de nos tornarmos hábeis a fim de participarmos efetivamente do domínio discursivo que pretendemos fazer parte.

Segundo Santos (2013), pesquisadores que compõem o grupo de estudo sobre a Teoria dos Gêneros Textuais atestam que tal domínio diz respeito às características que formam e se formam em determinados ambientes. Para o autor,

[...] cada comunidade social específica, por exemplo, escola/colégio, academia (universidade, faculdade), empresa, jornalismo, literatura, religião, entre outras, produz um conjunto de textos a partir de uma série de traços identificadores compartilhados e defendidos pelas pessoas integrantes de tal comunidade, a saber: conhecimentos, experiências, expectativas, convicções, interesses, posições políticas, objetivos, entre outros. (SANTOS, 2013, p. 35-36).

Seguindo essa explicação e a análise do *corpus* mais acima, cabe prosseguirmos na análise do gênero, agora apresentando seis traços que o particularizam:

Tabela 1: Traços característicos do gênero textual comentário *online*

TRAÇOS CARACTERÍSTICOS	GÊNERO TEXTUAL
1 – Nome específico	<i>Comentário online</i>
2 – Contexto de produção e recepção	
a) autor;	a) Leitores-comentadores; leitores; <i>staff</i> (da empresa ou de um artista);
b) leitor preferencial;	b) Leitores-comentadores; leitores; <i>staff</i> (da empresa ou de um artista);
c) suporte;	c) <i>Internet</i> ; computadores, celulares, <i>tablets</i> ;
d) tempo de produção;	d) Momento posterior à publicação de uma informação e/ou de um comentário;
e) local de produção;	e) Móvel — local em que se encontra
f) evento deflagrador da produção;	

¹⁸ Transformada pelas CMC (Comunicação Mediada pelo Computador), a noção de comunidade no espaço virtual adquire a nomenclatura “Comunidade Virtual” devido às relações interativas nos/entre os grupos no ambiente tecnológico-digital, como aponta Recuero (2002).

	aquele que comenta; f) Publicação de uma informação qualquer.
3 – Tema/Conteúdo	Abarca diversos temas.
4 – Função/Objetivo	Emitir opinião e influenciar os leitores.
5 - Organização básica/Estrutura	Abaixo da informação veiculada; Comentário-ativador; comentário-resposta; ilimitado número de participantes; diversos canais possuem espaço para se comentar.
6 – Linguagem/Estilo	O estilo é adotado de acordo com o portal em que se pretende estabelecer a cadeia dialógica; comum é o uso de recursos argumentativos, ainda que questionáveis no que diz respeito ao seu alcance. A linguagem pode ser verbal e não verbal, porém percebemos o predomínio da verbal escrita.

Fonte: elaborada pelos autores.

Os caminhos percorridos até o momento influem em nossa análise principal referente ao autor e leitor-preferencial uma vez que, durante a análise do *corpus* e a exposição tabela acima, são expostos diversos pontos para compreendermos a atuação desses sujeitos. Ressaltamos, no entanto, que outros estudos são necessários para que a abordagem dos traços acima não se restrinja a uma tabela; o mesmo vale para as análises mais aprofundadas sobre o conteúdo proferido no espaço destinado à participação do público.

O autor e o leitor-preferencial no gênero comentário *online*

As veiculações em rede nos permitem uma visão voltada às práticas dos que são leitores-colaboradores, pois eles contribuem com os portais de notícias compartilhando, comentando e republicando determinado conteúdo¹⁹. Quando com as ferramentas necessárias, apropriam-se dessas e se tornam coprodutores tão valorizados — em muitos casos — quanto ao autor da informação. O acesso à informação virtualmente não tem a distância geográfica como empecilho, uma vez que há a oportunidade com os mapas, vídeos e outras ferramentas

¹⁹ Aqui entendidas como uma publicação alterada, caracterizada pela presença do coprodutor.

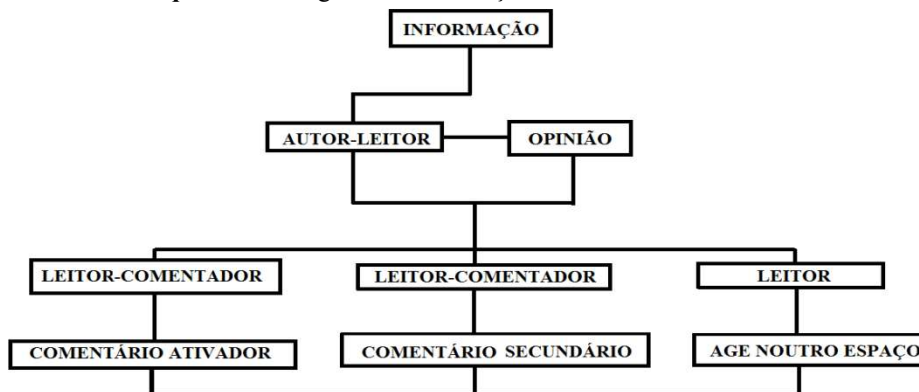
dos leitores se encontrarem no contexto da notícia, o que gera maiores bases para uma atuação mais efetiva no meio.

O diálogo nas caixas de comentários pode ser estabelecido de diversas maneiras: por meio do compartilhamento da notícia em outras redes sociais, comentando (simultaneamente) a respeito de outras opiniões, fazendo uso do “comentário ativador” ou pela opção de resposta, na mesma página, por meio de um “comentário secundário”. Em síntese, originalmente, todas essas opções tornam o internauta integrante de cadeias dialógicas — espaços que destinados à discussão sobre determinado tema.

Ao contrário do que ocorre com a carta do leitor — veiculada em jornais e revistas impressos —, o comentário *online* propicia o relacionamento conversacional entre o que consideramos serem quatro tipos de participantes: “autor-leitor”, “leitores-comentadores” (conforme o quadro abaixo, são dois) e o “leitor”. Dessa forma, apresentamos um quadro formulado com base no “Esquema da Comunicação Argumentativa”, inscrito em *A argumentação na comunicação* (BRETON, 1999, p. 30).

O esquema para esta proposta adaptado é seguido de comentários a respeito de cada um dos sujeitos na tentativa de facilitar a visualização do esquema abaixo.

Esquema 2: Integrantes da interação nos comentários *online*.



Fonte: elaborado pelos autores.

Por sua vez, entendemos o “autor-leitor” como o sujeito que desencadeia a participação dos diversos leitores (inclusive o leitor-comentador²⁰). Assim o nomeamos, pois, anteriormente à publicação de determinada notícia, ele realiza a leitura da informação (essa independe dele para existir) e redige o texto a ser publicado. Por seu posicionamento

²⁰ Termo discutido a seguir.

apresentado — muitas vezes seguindo a ideologia da instituição que representa²¹ —, introduz as participações do público. Dessa forma, quando emitida a informação (agora sendo necessária a participação do autor-leitor), essa salta aos olhos do leitor e leitor-comentador pelo ponto de vista adotado por aquele. O autor-leitor aparece, frequentemente, em comentários nas redes sociais: seja enquanto figura de uma instituição, seja como pessoa física.

Chamamos de “Leitor-comentador” o responsável pelo “comentário ativador” e “comentário secundário”. Apesar de o nome estar no singular, essa nomenclatura identifica dois sujeitos que agem, a princípio, com objetivos diferentes, mas de maneira semelhante. Segundo nossas análises, é quem ativa a participação de outros leitores da notícia e, assim, indica determinado tema possível de ser discutido²². Há ainda a opção de ele atuar, quando houver outros comentários, como produtor de um comentário secundário, seja referente à discussão que iniciou, seja sobre outra que lhe interesse.

O interesse dos internautas é a ação que efetiva a temática a ser discutida, pois não existem mediadores que excluam o comentário por ele não acompanhar o tema daquilo que foi publicado. Contudo, não observamos ser essa uma ação recorrente, isso porque a opinião sobre um tema desconexo daquilo que é discutido geraria um baixo interesse dos outros participantes. Segundo Alves Filho e Santos (2013, p. 83), “[...] no comentário *online*, o comentador ter a liberdade de não seguir uma sequência cronológica para replicar, visto que pode responder a qualquer um dos comentários na ordem em que julgar necessário [...]”.

A ação de resposta ao comentário inicial — portanto, também ligada ao “autor-leitor” — é realizada por outro “leitor-comentador”. Ele, que além de ser o que profere um “comentário secundário” — em resposta ao ativador —, pode sugerir outros temas (por meio de novos comentários) abarcados pela notícia. Noutras palavras, passaria a agir de duas formas: responde a um comentário, com um tema já estabelecido o qual iniciou a discussão, bem como incita uma nova sequência de conversas a respeito de outro tema.

Nossa visão sobre “autor” e os “leitores-comentadores” aproxima-se de um viés de sujeito virtual discutido por Santaella (2005, p. 11 acréscimo nosso):

²¹ Em certos casos e redes sociais, ainda que não tomados os dados estatisticamente, é nítida a crescente participação do “autor-leitor” (seja representando instituições, seja o *staff* do artista) enquanto sujeito que participa por meio de um “comentário secundário”.

²² Isso não impede que outro comentário seja o que ativa a discussão, sendo aquele esquecido devido à rejeição por parte de quem espera um tema de seu interesse a ser debatido. Ou seja, não se trata de um primeiro comentário da notícia, falamos de um comentário que é o primeiro de determinado tema da notícia.

[...] o navegador [inclusive o autor-leitor] é também um leitor, na medida em que se entenda a palavra “leitor” como designando aquele que desenvolve determinadas disposições e competências que o habilitam para a recepção e resposta à densa floresta de signos em que o crescimento das mídias vem convertendo o mundo. Trata-se de um tipo especial de leitor, o imersivo, quer dizer, aquele que navega através de fluxos informacionais voláteis, líquidos e híbridos -- sonoros, visuais e textuais – que são próprios da hipermídia.

O quarto tipo de participante é o “leitor”. Ele não age diretamente no mesmo ambiente que os outros participantes citados²³, porém, realiza as leituras da notícia, do “comentário ativador” e do “secundário”. Considera, pois, agir noutro contexto. Poderíamos considerá-lo, entre outras facetas, como aquele que evita a discussão pela falta de identidade real dos indivíduos, pelo ceticismo quanto à possibilidade de mascarar a real identificação, assim como porque não crê nas transformações ocasionadas apenas pelo diálogo.

Ainda considerando os apontamentos de Santaella (2005), esse leitor que não age comentando seria

[...] o leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas signícas, um leitor que é filho da revolução industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão. Esse leitor, que nasce com a explosão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e cinema, atravessa não só a era industrial, mas mantém suas características básicas quando se dá o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão. (SANTAELLA, 2005, p. 10).

Estabelecendo paralelos entre o “Esquema” de Breton (1999) e o acima apresentado, temos que: a partir da informação lida é que se tem sua veiculação, já com o ponto de vista do primeiro orador: o “autor-leitor”. Dessa ação, decorrem as formações das opiniões de três outros oradores: dois que agem comentando e um que age noutro espaço. Ou seja, a partir do que propõe Breton, onde tínhamos apenas um orador, surgem outros três. Vale destacarmos que, ao mesmo tempo em que são oradores, eles compõem o “Auditório” (um dos componentes do “Esquema”), em razão de que a sua participação também se dá pela forma passiva.

Considerações finais

O olhar que procuramos lançar sobre os sujeitos secundários, que participam da publicação de notícias e outros comentários, é próximo ao da concepção de leitura tomada como atividade social e interativa. No caso do gênero comentário *online*, as práticas sociais, interativas, ocorrem num nível mais profundo do que aquele que considera apenas a recepção. Assim colocado, a construção de sentidos acontece pelo “leitor-comentador” durante a leitura

²³ Por isso não colocamos o termo característico dos demais: comentador.

do que foi veiculado no texto principal ou quando emite sua opinião na tentativa de corroborar ou alterar o posicionamento de outra pessoa.

Embora concordemos com a ideia de que nossa pesquisa contempla uma pequena parte dos comentários veiculados na *internet*, procuramos sustentar nosso posicionamento conforme a estabilidade dos gêneros, descrita pelos seguidores dos estudos bakhtinianos. Em outras palavras, apontamos para o fato de que os tipos de “autor-leitor”, “leitores-comentadores” e “leitor”, qualquer número de comentários que seja analisado, nos mais diversos portais, podem ser conceituados a partir do que aqui propomos.

Nesse sentido, ao abarcarmos os processos diversos e em constantes transformações utilizados pelos comentadores que intentam emitir suas opiniões, assim como as relações histórico-sociais do gênero, pensamos que uma classificação dos que interagem a partir da ferramenta ofertada pela *internet* seja uma das maneiras de contribuirmos com os estudos da Teoria dos Gêneros, aprofundando-nos, pois, em um que ainda é pouco estudado.

Referências

- ALVES FILHO, F.; SANTOS, E. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 78-90, abr./jun., 2013.
- BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução de Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Tradução de: *Language online: investigating digital texts and practices*
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. Tradução de: *Textual genres, typification and interaction*.
- BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999. Tradução de: *L'argumentation dans la communication*.
- FONSECA, J. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/>>. Acesso em: 23 jun. 2017.
- KOCH, I. G. V. Linguagem e argumentação. In: *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 29-115.
- MARCUSCHI, L. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 maio 2002.
- RECUERO, R. *Comunidades virtuais: uma abordagem teórica*. Mídia, imprensa e as novas tecnologias, v. 24, 2002.

SANTAELLA, L. Os espaços líquidos da cibermídia. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, abr., 2005.

SANTOS, G. *Elementos de argumentação na produção de gêneros textuais no ensino médio*. Londrina, 2013. 282fls. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. <
<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000187296>> Acesso em: 24 fev. 2017.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

UOL. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

Artigo recebido em: 25/05/17

Artigo aceito em: 29/06/17